



O candidato foi ao comício do Gama, mas confessou que prefere a conversa ao pé do ouvido, o bom papo

MEIRA

200

Um radialista que ouve muito mais do que fala

"Seu Meira, o senhor lembra de mim? Há 12 anos atrás o senhor arrumou uma dentadura pra mim, lembra? Eu voto no senhor, viu?". Coisas deste tipo. "Seu" Meira ouve todo dia. Em 36 anos de radialismo, Meira Filho perdeu as contas de quantas pessoas ajudou, através do "Programa do Meira", apresentado pela Rádio Planalto, diariamente, das 8 às 11 horas. Hoje, candidato a senador pelo PMDB, ele tem colhido bons frutos: dos ouvintes, as mesmas pessoas que passaram a eleitores em potencial.

O único trabalho de Meira Filho, nesta campanha, é o de apresentar como o dono de uma das vozes mais ouvidas em Brasília. "Eu sou o Meira", repete inúmeras vezes ao dia, recebendo como resposta, invariavelmente, um sorriso, forte abraço, agradecimentos e — principalmente — muitos pedidos. E eles são tantos que têm assustado o candidato: "Quando eu era moço, existia uma pobreza envergonhada. Agora, existe uma pobreza sem-vergonha. Tem gente que pede geladeira, televisão, máquina de lavar... Onde já se viu?".

Dos estúdios da Rádio Planalto (onde entra às 8 horas, todo dia), ao corpo-a-corpo da campanha (que estende-se por 24 horas, normalmente), Meira Filho é um dos candidatos mais as-

sedidos pelo "povão", atraído pelas promessas e ajudas comprovadas. Durante o programa, dezenas de pessoas — na maioria mulheres com seus filhos — vão se aglomerando na porta da Rádio. O programa termina às 11 horas, mas sómente uma hora e meia depois ele consegue entrar no carro, esquivando-se dos fãs (leia-se eleitores).

No carro, a caminho de um almoço eleitoral, vai desabafando. "Para quem gosta de enganar, isso é um prato cheio". E é mesmo.

Todo mundo promete o seu voto, e o da família inteira, em troca de dinheiro, cadeira de rodas, casa, emprego e muito mais.

"Não vota em mim, não, se for por causa disso", acaba irritando-se

Meira Filho, que não poderia — nem se quisesse — atender a todos.

Ele explica que isso é corrupção, acaba prometendo que vai ver o que se pode fazer e termina

sempre com a mesma frase:

"O voto é livre e tem que ser independente".

No almoço, meia dose de

pinga, uma cervejinha e

uma olhada no programa do dia.

A maratona não tem variado muito.

Reuniões com grupos comunitários, longas

caminhadas pelas cidades-

satélites e inaugurações de

comitês. Na última terça-

feira, foram quatro horas

nas ruas, lojas e no mercado

do Gama. Usando calca-

jeans e camisa listrada, o radialista confundia-se com seus eleitores. Mas tem sempre um aglomerado à sua volta e ele nunca faz comício.

Ouve muito mais do que fala.

"Tem que pegar na mão para ganhar a eleição", brinca com cada um,

acreditando que seus anos

de radialismo dispensam

promessas.

Se dispensam promessas,

a popularidade de Meira Filho não dispensa desculpas.

"Eu só dou meu voto para quem me ajudar. Quero um emprego de auxiliar de limpeza no Sarah Kubitschek.

Eu quero é emprego, depois

é rezar para que ele seja bom", dizia Do Carmo, en-

quanto esperava o "Programa do Meira" acabar.

Para ela, o candidato disse que era

amigo do diretor, mas preci-

sava, primeiro, saber se ti-

nya vaga. Lá se foi Do Carmo, sem saber como desco-

brir isso.

Já para Regina, que que-

ria vidros para a janela de

sua casa, Meira contou que

enfrenta dificuldades na

campanha, disse que tam-

bém é assalariado e, por

fim, pediu para ela trazer o

orçamento. "Desse jeito não

se constrói a democracia

nesse País", prega o radio-

lista. "Todo mundo quer

vender o voto. Virou comé-

cio", diz ele, para quem qui-

ser ouvir. Mesmo assim, ele

não perde a simpatia do elei-

tor. "Vou votar nele de qual-

quer jeito", saliu dizendo Roseli, que chegou à Rádio disposta a pedir dinheiro para alimentar os dois filhos e saiu envergonhada.

Na caminhada pelo Ga-

ma, foi mais fácil. Sempre

havia um cabo eleitoral por

perto para puxar o candida-

to quando a conversa se pro-

longava. Tomou cafezinho

num bar, água no outro, co-

meu churrasquinho na es-

quina, mantendo um ritmo

acelerado, para garantir a

visita a todas as lojas. En-

controu velhos amigos, mu-

tos ouvintes e a mesma pro-

messsa do voto — que, aliás,

ele nunca pede.

Meira Filho não gosta de

alto-falante, trio elétrico ou

muita gente à sua volta. A

campanha, na sua opinião,

deveria ser feita na base da

"conversa ao pé do ouvido",

que é o que rende votos. "O

mal do mundo é a falta de

decionamento entre as

pessoas. A gente tem que

ser um pouco assistente so-

cial, psicólogo e, acima de

tudo, cristão", revela o can-

didato, que se viu envolvido

com um caso constrange-

dor, há poucos dias. Procu-

rado por uma moça que

ameaçava suicidarse, por-

que não tinha dinheiro para

pagar uma geladeira que

havia comprado, Meira gas-

tou muita saliva, paciência

e dinheiro: acabou pagando a geladeira.



Em 36 anos de radialismo, Meira Filho tem recebido toda es-
cência de pedidos. Podendo, atende